



ALICE VIEIRA
JORNALISTA E ESCRITORA
alicev@netcabo.pt

A PRIMEIRA MALA

Como se costuma dizer nestas alturas, ano novo, vida nova.

É altura de mudar, de tentar fazer as coisas de maneira diferente, de contar outras histórias.

Por isso, deixei de estar à janela, e vou passar a andar por aí, de mala aviada...

Concordo que nos dá uma outra largueza de vistas, e outras perspectivas...

E cabe tanta coisa nas nossas malas... Objectos, lembranças, recordações de gente que fomos encontrando ao longo desta (mais ou menos) longa viagem que é a nossa vida, colecções que às vezes os outros consideram meio tontas e que vamos fazendo ao longo dos tempos: a minha amiga Margarida, por exemplo, quando vem a Portugal, traz a mala cheia de folhas secas do Outono de Oxford, onde vive, para me dar. E aonde quer que eu vá, trago sempre pedras dentro da mala para a minha enorme colecção... [Quando vim de Timor, ia-me dando mal, porque as pedras lindíssimas que eu tinha apanhado

nas areias da praia de Liquiçá eram fósseis, ninguém as podia trazer... Mas pronto, eu trouxe, muito escondidas, e garanto que estão em lugar de honra cá em casa...]

Mas voltando às malas, nunca me esqueço da primeira vez que fiz uma mala.

Uma mala verdadeira.

Uma mala só minha.

Não aquelas malas que são apenas sacos ou mochilas e que os miúdos fazem quando acompanham os pais para férias, e eles berram:

– Vai fazer a tua mala! Se estás à espera que eu a faça, bem podes esperar.

E eles têm de pensar se levam o pijama e mais a escova de dentes, e mais a *T-shirt* cheia de caveiras, e mais a outra a escorrer sangue de vampiro...

Não.

Nada disso.

Aquela era uma mala a sério.

Uma mala de quem ia partir e não sabia quando voltava.

Nem se voltava.

Havia muito pouca coisa realmente importante que eu quisesse levar.

A vida, e a casa, e as pessoas que eu ia deixar não me tinham dado motivos para saudades, e eu não queria levar comigo nada que não fosse realmente essencial.

Sobretudo não queria nada que as recordasse – como se eu quisesse renascer, num

Era um tempo em que não havia telemóveis, nem iPod, nem MP3, nem computador, nem sequer ainda – pasmem bem! – CD... Os discos eram uma coisa redonda de vinil, era preciso maquinas grandes para os tocar. Hoje leva-se no bolso toda a música que se quiser.

Hoje teclamos uns algarismos e falamos com o mundo inteiro.



lugar diferente, entre gente diferente.

Claro, as coisas do dia-a-dia, o que se veste, o que se calça, mas essas coisas, ainda hoje, não ocupam muito espaço nas minhas malas.

Eu tinha nessa altura pouco mais de 20 anos.

Quer dizer: estávamos, praticamente, na Pré-História...

Naquele tempo, quando se viajava, ficava-se mesmo separado do mundo.

Por isso eu queria levar comigo, dentro da mala, qualquer coisa que me permitisse matar as saudades que acabariam por chegar.

Qualquer coisa que levasse consigo um bocado do meu País.

E enfiar na mala um livro de poesia do Her-

berto Hélder.

«A Colher na Boca».

Era um volume de capa branca, apenas com as letras do título ao meio – ou assim eu o recordo, à distância destes anos todos. Não me lembro, confesso, do nome da editora. E posso dizer que aqueles poemas foram a minha salvação.

Aí eu entendi como a língua cria laços que muito dificilmente se apagam.

E como as palavras nos prendem e nos ajudam a sobreviver.

Sozinha, no meu minúsculo quarto da Rue Cujas, em Paris, nem sempre os dias eram fáceis.

As chamadas de telefone eram caras, tinha de ir ao correio para as fazer – e convinha marcar com antecedência, dava o número

não ser o nome das serras, e dos rios, e das linhas de caminho de ferro, que na escola nos obrigavam a recitar, com mais unção do que se se tratasse do pai-nosso...), sabia naquela altura – e ainda sei hoje – muitas estrofes de cor.

Lembro-me de repetir

«toda a juventude é vingativa deita-se, adormece, sonha alto as coisas da loucura»

Ou então

«não sei como dizer-te que a minha voz te procura»

Assim, versos desgarrados, porque os poemas eram muito longos, falavam muito de mulheres, e de água, e de sangue, e

de peixes, e eu lia-os e relia-os porque aquela era a minha língua, e enquanto eu a pudesse falar, o País estava dentro de mim e não me abandonava.

Lembro-me que nos dias em que eu chegava ao quarto sem ter dito uma única palavra de português naquelas horas todas – eu corria a abrir o livro, e a ler o primeiro poema que aparecia, em voz alta, sempre em voz alta

– para ter a ilusão de companhia, e para me sentir em território meu.

Depois o tempo passou, a vida deu muitas voltas, e eu fiz a mala e regresssei.

Não trouxe o livro: alguém que ia lá ficar precisava dele muito mais do que eu.



e o nome da pessoa com quem queria falar, pois, se não o fizesse, a pessoa podia não estar em casa, e gastava-se uma chamada em vão.

Era mesmo, mesmo a Pré-História...

Eu, que nunca fui de decorar muita coisa (a